

ANTROPOFAGIA E BARBÁRIE NAS CRÔNICAS DE JEAN DE LÉRY E SIMÃO DE VASCONCELLOS.

Rafaele Sabrina Barbosa Pereira
Gil Eduardo Albuquerque Macedo
Departamento de História - UFRN

Resumo:

A *Viagem a Terra do Brasil*, do calvinista Jean de Lery (1534-1611) e a *Crônica da Companhia de Jesus* do jesuíta Simão de Vasconcelos (1597-1671) são crônicas que representam duas visões particulares sobre a América Portuguesa no século XVI. No presente trabalho pretendemos compreender a trajetória das palavras Bárbaro, que provém do grego antigo, *βάρβαρος*, que significa "não grego", e Antropofagia, cujo sentido etimológico provém do grego *anthropos*, "homem" e *phagein*, "comer" tal como aplicadas por estes cronistas que, revestidos de uma mentalidade européia, passam a operar tais termos em seus relatos sobre os gentios, uma vez que esta barbárie estaria impregnada da idéia de antropofagia. Trata-se assim de constituir uma relação entre a origem dos termos da Antiga Grécia e seus usos no discurso dos cronistas coloniais que descrevem os atos dos ameríndios como antropofágicos e bárbaros. Utilizamos como apoio o trabalho de Margaret Greer, *Imperialism and Anthropophagy in Early Modern Spanish Tragedy*, que utilizando a análise filológica, examina tais conceitos a partir das imagens da antropofagia usadas desde as tragédias gregas como uma forma de representar a alteridade inspirada na distância entre a civilização e a barbárie.

Palavras chaves: Antropofagia; Barbárie.

Ao longo deste trabalho pretendemos busca a alteridade estabelecida, com conceito de antropofagia e bárbaro ao revelar o ato de comer carne humana. No recorte dos cronistas Jean de Léry (1534-1611) e Simão de Vasconcellos (1597-1671) na América Portuguesa no século XVI.

O primeiro ponto é compreender a trajetória das palavras antropofagia e bárbaro. A origem da palavra "Bárbaro" provém do grego antigo, *βάρβαρος*, que significa "não grego" e Antropofagia, do grego *anthropophāgus* em seu sentido etimológico provém do grego *anthropos*, "homem" e *phagein*, "comer". Na filologia dos vocábulos antropofagia e barbárie cujo vernáculo antropófago aparece como uma definição quase sempre limitada à noção de barbárie e ao ato de comer carne humana. Isto , o termo antropofagia esta em intrínseco na noção de barbárie.

Partindo destes conceitos provenientes da Grécia Antiga é possível construir uma relação com as imagens da antropofagia que permeavam os escritos da antiguidade. Ao trabalhar o conceito de antropofagia Lucy Blaney anuncia: “ las imagens de antropofagia fueron usadas desde las tragédias griegas como un tropo que representaba la alteridad e inspirada miedo, disgusto y distancia entre civilización y barbarie”.⁷(BLANEY

Para Margaret Greer a imagem dessa antropofagia ajuda a construir mitos que contrapõe uma sociedade com a outra: “To classify a people as antropophagous is to mark them with the most radical sign of alterity and barbarity.”⁸ Na tragédia grega a antropofagia surge de uma forma reprimida, em Ésquilo (séc.V a.c) em sua Trilogia em O Areópago o tribunal de Atenas.

A História (séc.V a.c) de Heródoto narra o caráter etnográfico e geográfico de diversos povos do oriente. Em uma de suas narrações relata o povo mais selvagem que encontrara “a terra é desabitada numa região desabitada grande extensão; depois dessa há o território dos andrófagos.”⁹ Sobre este povo que vivia nos limites dos limites da civilização grega Heródoto descreve.

Os andrófagos tem os costumes mais selvagens entre todos os homens, pois não observam a justiça nem adotam qualquer lei [...] e entre todos os povos são os únicos a comer carne humana.

Literalmente o nome Andrófago significa “comedores de homens”.¹⁰ Na descrição a manifestação de alteridade em relação aos povos selvagens apresenta-se como o limite, a antropofagia. A alteridade é encontrada desde seu primeiro livro, Clio, quando Heródoto trata em primeira estância o termo bárbaro; “nos resultados de suas investigações e que não se apague os feitos maravilhosos dos helenos e dos *bárbaros* não deixem de ser lembrados¹¹”.

Igualmente clássico, é visto nos *Ciplopes* comedores de carne humana traz em seu ato e monstruoso aspecto uma alteridade. Os *Ciclopes* são narrados por Homero (Teria vivido no Séc. VIII a.c) como “ selvagens agressivos, sem sentido de bem nem de mal, vivem em uma ilha, sem escritura, sem lei, sem agricultura e ademais são antropófagos”.¹²

⁷ Blaney, Lucy. Colon y el Canibal. Divergencias. Revista de estudios lingüísticos y literários. Volumen 6 Número1, Verano 2008.

⁸ Greer, Margaret. Imperialism and antropophagy in early moder Spanish Tragedy. Reason and its others in early modern spain and Italy. Ed. David Castilho. Hispsnic Issues. Minneapolis:U. Of minnesita Pres, 2005. p-279.

⁹ Heródotos, História. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade da Brasília, 1988. Cap IV.18. O verbete antropófago define a expressão simplesmente como “Que ou aquele que come a carne humana; andrófago.

¹⁰ Esta é a nota (323) da História de Heródoto traduzido por Gama Kury.

¹¹ Cap I.1. Bárbaro exprime estrangeirismo, inculto, sem civilização, cruel, sanguinário e desumano. Definição do Aurélio.

¹² Ibed, 279.

Na odisséia quando Ulisses e seus companheiros chegam terra dos *Ciclopes* e o encontro com as monstruosas criaturas o Ciclope de encontro:

Apanhou dois de uma só vez e atirou-os por terra, como se fossem dois cachorrinhos; os miolos esparramaram-se pelo chão e molharam a terra; depois retalhou os membro a membro e preparou a ceia.

Comeu-os, como o leão criado na montanha, sem entranhas, nem carnes nem os medulosos ossos.[...] Depois do ciclope ter abarrotado sua volumosa pança com aquela carne humana.¹³

Estas obras clássicas gregas a *História* de Heródoto e a *Odisséia* de Homero e a *Historia natural* de Plínio perpassam dês da antiguidade e se completa no trama de mitos com os saberes medievais. Tratados medievais como *Etimologias de Isodoro de Sevilla* e *Imago mundi* de Pierre d' Ally 's com os receptivos capítulos sobre monstros e relatos de viagens populares da Idade Media como *The travels of sir Jonh Mandeville*.¹⁴ Toda via, entre esses relatos e obras sob formas mitológicas e narrações mirabolantes de viagens tratam de uma forma ou outra de seres comedores de carne humana. Contidas em tradições lendas e historias fantasiosas dai parte os relatos de viagens, cujo motivo predileto foi por razões religiosas e comerciantes –do oriente. No Renascimento estes mitos clássicos passam em grande parte aoconhecimento “vulgar” especialmente aos homens “práticos” como os navegantes. Na mentalidade desses navegantes permeavam versões mitológicas de Herodoto e Plinio sobre povos antropofagos e amazonas.

Com o descobrimento da América em 1492, Cristovão Colombo ao se deparar com as práticas dos ameríndios do Caribe, os Caribal. Colombo enejeria uma concepção da palavra “caribe” como a idéia de antropofagia pela primeira vez, diz Blaney. A criação do termo –canibal- difere do utilizado anteriormente – antropofagia- decorre da necessidade de se nomear uma nova situação,diversa da anterior, que refletia sua particularidade. O surgimento da palavra deriva de Colombo ao tratar o habitante do novo mundo e que acaba por preencher no imaginario renascentista e barroco a falta de um novo conceito para o ameríndio que devora a carne humana.

Frank Lestringant, rastreou os caminhos percorridos pelo termo canibal, até ser definitivamente absorvido pela cultura europeia da época Renascentista como sinônimo de antropofagia como nos relatos de Staden, Trevet, Léry e outros.

No transcorrer das conquistas do novo mundo vários viajantes chegaram trazendo consigo concepções que perneava toda a idade média acerca da realidade física do Eden, e um conjunto formas grecolatinas e medievais que acabam por definir uma identidade e alteridade.¹⁵ A natureza dessa viagem aspira a diferença por vários fatores,a distância geografica, lingua, cultura e outros. Ao olhar do conquistador, missioario e

¹³ Homero, A Odisséia. São Paulo: Editora Três, 1974. Cap. IX.127-141.

¹⁴ Jáuregui, Carlos A. Canibalia canibalismo, calibanismo antropofagia cultural y consumo en América Latina. Madrid: Iberoamericana, 2008. p.50.

comerciante o diferente se estabelece nas múltiplas personalidades dos viajantes e na qualidade dos seus textos bem como a variedade dos ameríndios. Todavia, em vez de tentarmos analisar a totalidade desses retratos deter-nos-emos em alguns exemplos particularmente voltados a antropofagia nas crônicas, *Viagem à terra do Brasil* publicada em 1576 de Jean Léry e *Crônica da companhia de Jesus* de Simão de Vasconcellos. Nascido na cidade portuguesa do Porto em 1597 veio para o Brasil ainda menino com sua família. Aos 19 anos ingressou na Companhia de Jesus, indo cursar Humanidades, Filosofia e Teologia em Portugal. Em 1641 voltou para o Brasil, juntamente com o P. Antônio Vieira e o filho do vice-rei, Marquês de Montalvão. Em 1643 embarcou para a Bahia com o governador Antônio Teles da Silva que o escolheu para confessor. Ocupou diversos cargos na Companhia de Jesus, como o de diretor do Colégio da Bahia e do Rio de Janeiro, até morrer em 1671. Esta obra trata de parte da história dos jesuítas no Brasil. Ao longo de suas 6 partes descreve a terra conquistada pelos portugueses, as populações encontradas no novo continente, a vida do Pe. Manuel da Nóbrega e a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

Em sua obra, *Crônica da Companhia de Jesus*, é nítida a utilização do termo *barbárie*, termo que esse utiliza para caracterizar o índio e construir uma relação de alteridade. Contudo, essa denominação que Simão de Vasconcelos utiliza para qualificar o índio é proveniente de contato anteriormente estabelecido com o termo *bárbaro*, contato que este calcado em uma perspectiva de resgate aos referências antigos, ou como o Edward Lopes mesmo evidencia em sua obra:

Para compreender o que via, ele, observador precisaria reencontrar no objeto observado algo semelhante aos traços familiares dos objetos que ele já tivesse visto na Europa, cuja forma arquetípica, abstrata e ideal, ele tivesse esquematizado e memorizado na forma de um figura-tipo.¹⁶

O contato entre o cronista e os ameríndios tenderá a formar o inevitável estranhamento, o que se deve a disparidade entre as respectivas culturas. Contudo, faz-se necessário que esse estranhamento venha ser suprido, o cronista, portanto associará a esse ameríndio um conjunto de definições que adquirira anteriormente na Europa: “Congregada na forma referida essa bárbara gente[...] É perceptível que o simples uso da terminologia *barbárie* evoque um conjunto de significações relacionadas a formação de todo um imaginário perpassado do mundo Antigo. Essas associações são caucadas em valores peculiares ao contexto renascentista, na qual deve se relevar a instituição religiosa que esse compoe, assim como a representatividade dessa instituição ao permeia a conduta do respectivo cronista. A associação dar-se-a na formulação de respectivos critérios que fundamentam a utilização do termo *barbárie*:

¹⁵ Almeida, Maria Cândida Ferreira de. *Tornar-se Outro O Topos Canibal*. São Paulo: Annablume, 2002.

¹⁶ Barros, Diana Luz Pessoa de. (org). *Os Discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos*, São Paulo: FAPESP, 2000. P.18

É bom que digamos também o que os índios fazem. É esta gente mais fácil em aceitar afé do verdadeiro Deus, quando menos empenha esta com os falsos; porque nenhuma conhece, ou ama, que possa robarlhes a afeição. Seus ídolos são os ritos avessos de sua gentildade, Multidão de mulheres, vinhos, ódios, agouros, feitiçarias, e agula de carne humana(...).¹⁷

Percebe-se que a utilização da terminologia barbárie é proveniente dos referenciais antigos, contudo a formulação desse termo segue critérios peculiares, a utilização dar-se-a em um plano etimológico. Sendo esse termo adotado em uma relação permeada pela alteridade, os critérios para a formulação do termo barbárie diferenciam-se dos critérios adotados no mundo antigo, adaptando a terminologia barbárie a um contexto diferenciado, Simão de Vasconcelos fundamenta esses critérios em um princípio religioso, típico de um ideal cristianizador.

Na formulação desses critérios, o presente trabalha procurando dar ênfase ao aspecto antropofágico contido nesses critérios, ato, segundo Simão de Vasconcelos, precedido de “banquetes, com grandes bailes, e bebidas de vinho” Nestes festins que precedem o ato antropofágico, as “bebidas de vinho”, para citar Simão, desempenham uma função significativa para o olhar do cronista. Nesse elas se mostram como uma alusão aos tempos greco-romanos. Pois para ele, “ só em fazer várias castas de vinho são engenhosos. Parece certo, que algum deus Baco passou a estas partes a ensinar-lhes tantas espécies dele, que alguns contam trinta e duas.

Isso remonta a “factos históricos que remontam à mitologia Greco-Romana, ao século VI AC, em que os gregos faziam culto a Diónisos seu Deus do Vinho e onde os romanos chegaram a praticar o poderoso culto de Baco (e seus Bacanaís) onde o seu sangue era vinho.

No entanto, na antiga Grécia os seguidores de Dionísio buscavam a natureza onde impera lelofagia – devoração do semelhante – e a homofagia – comer cru. Vejamos então Vasconcelos:

Nações há destas que em colhendo às mãos o inimigo, o atam ao um pau pendurado, e dele as posta vão comendo pouco a pouco, até deixar-lhe os ossos esbrugados; ou cozendo-as, ou assando-as, ou torrando-as ao sol sobre pedras; ou quando o ódio é maior comendo-as cruas, palpitando ainda entre os dentes, correndo-lhes pelos beiços o sangue do miserável padecente, quais, tigres desumanos. Outros lhe abrem as entranhas, e lhe bebem o sangue em satisfação do agravo; e antes que expire chega a ele o agravado, ou algum seu parente, e dando-lhe como uma maçã a cabeça, acaba de matá-lo; fica deste feito afamado, e com o nome de grande e valente entre os outros.

Jean de Léry nascido na cidade de La Margele (França) em 1534, provavelmente filho de burgueses, cresce no contexto de propagação das idéias de Calvino. Aos 18 anos segue para Genebra a fim de estudar teologia. Nesse mesmo ano parte para o Brasil a fim de participar do projeto colonizador da França Antártica, tentativa de estabelecer uma

¹⁷ Vasconcelos, Simão de. Crônica da companhia de Jesus. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

colônia na região do atual Rio de Janeiro. Suas motivações pessoais eram propagar na nova terra o ideal da fé reformada e satisfazer seu desejo de conhecer esse Novo Mundo. Sua breve estadia no Brasil entre 1557 e 1558.

Referente ao tratamento em que os ameríndios tratam os seus prisioneiros de guerra:

O selvagem encarregado da execução levanta então o tapan com ambas as mãos e desfecha tal pancada na cabeça do pobre prisioneiro que ele cai redondamente morto sem se quer mover o braço e a perna[...] Imediatamente depois de morto [...] as mulheres, sobretudo as velhas que são mais gulosas de carne humana chegam com água fervendo esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme [...] alguns abrem o corpo.¹⁸

Em outra explicação de Léry as velhas teriam maior apreço por carne humana porque desejavam se renovar. O resultado é fruto de um só movimento, a misoginia européia, que está na associação de mulheres com a antropofagia, especialmente mulheres velhas, e se desdobra na tradição que associa o canibalismo à feitiçaria, prática também especialmente atribuída às mulheres, assim assina Maria Cândida Ferreira. Após o preparo da carne e o funebre sacrifício assam a carne “ Mas não comem carne, como poderíamos pensar por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saborosíssima”. Contudo, Léry ao tratar o ato de comer carne humana dos tupimanabás faz uso do termo bárbaro quando continua a tratar os costumes “mas esses *bárbaros* não só se deleitam no extermínio de seus inimigos”. Ou quando diz “ Poderia aduzir outros exemplos de crueldade para com os inimigos, mas creio que o que disse já basta para arrepiar os cabelos de Horror.[...]ao ler semelhantes bárbaridades”. A designação do termo bárbaro não se apresenta apenas no ato antropofágico, mas designa nas práticas religiosas, a poligamia e a antropofagia. Isto é a alteridade e a busca de determinadas categorias identificar não-conhecido com já conhecido. Apropriação do termo feita pelo crônista ao descrever em particular o ato antropofágico do novo mundo, parte de uma construção de suas categorias estabelecida por um imaginário ocidental. E ao término de seu relato expõe “ Não abominemos demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos”. Termo que deriva do grego *antropófagos* que define a expressão simplesmente como aquele que come a carne humana.

¹⁸ Léry, Jean. Viagem à terra do Brasil. São Paulo: Ed. Itatiaia. Editora. da Universidade de São Paulo, 1980. P.198.

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA.

Almeida, Maria Cândida Ferreira de. Tornar-se Outro O Topos Canibal. São Paulo: Annablume, 2002.

Barros, Diana Luz Pessoa de. (org). Os Discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos, São Paulo: FAPESP, 2000. P.18

Blaney, Lucy. Colon y el Canibal. Divergencias. Revista de estudios lingüísticos y literários. Volumen 6 Número1, Verano 2008.

Jáuregui, Carlos A. Canibalia canibalismo, calibanismo antropofagia cultural y consumo en América Latina. Madrid: Iberoamericana, 2008.

Greer, Margaret. Imperialism and antropophagy in early moder Spanish Tragedy. Reason and its others in early modern spain and Italy.Ed. David Castilho. Hispsnic Issues. Minneapolis: U. Of minnesita Pres, 2005.

Léry, Jean. Viagem à terra do Brasil. São Paulo: Ed. Itatiaia.Editora. da Universidade de São Paulo, 1980.

Herodotus, Histórias. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade da Brasília, 1988.

Homero, A Odisséia. São Paulo: Editora Três, 1974.

Vasconcelos, Simão de. Crônica da companhia de Jesus. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.